

REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E SUA APLICABILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Francisco Samuel Lima dos Santos
Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí

Adriana Olival Costa
Professora de Língua Portuguesa da SEDUC – MA

Amanda Maria dos Santos Silva
Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas de atingir esse objetivo.

Demerval Saviani (2003, p. 13).

RESUMO

O cinema visto como produção da realidade social, cultural e política do cotidiano das sociedades apresenta grande contribuição para a formação educativa do espectador que é capaz de enriquecer sua práxis singular, abordando a consciência crítica do ser humano, agindo diretamente sobre as pessoas que o acompanham. Ao longo do século XX o Cinema causou uma transformação nas tradições sociais desse período e foi responsável por inovações no comportamento das pessoas, iniciando novos locais de socialização e entretenimento, assim como, novas formas de experiência educativa por meio dos principais elementos da linguagem cinematográfica produzida pelo produto final, que é o filme. Assim, o objetivo desse trabalho é mostrar o que o filme pode propiciar através de sua linguagem específica, o devido aprendizado em diversas áreas de ensino, em especial no de história. Esta aprendizagem se dá tendo em vista as questões sobre: o que o filme quer dizer? o que o espectador apreende/compreende do filme? o que ele assimila, abarca e reproduz sobre o filme? Enfim, se ocorre ou não a contextualização entre a história apresentada e a própria realidade do espectador, e a partir disso se este realiza reflexão crítica sobre o que assiste e o que vivencia.

PALAVRA CHAVE: História, Linguagem, Ensino e Cinema

1. INTRODUÇÃO

Analisando a história do cinema, percebemos que para alguns historiadores, como é o caso dos franceses, a invenção do cinema se deu quando o aparelho cinematógrafo foi inventado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, pois para estes historiadores os irmãos Lumière, na fábrica de sua família na cidade de Lyon, passaram a produzir novos processos fotográficos, tendo desenvolvido a partir de princípios óticos e mecânicos um avanço nos estudos sobre película sensível e o próprio aparelho de projeção. A partir desses estudos foram produzidos e exibidos os primeiros filmes, considerando esse processo como marco inicial do cinema, através das primeiras produções e exibição em uma tela.

Porém, essa análise não é a única aceita pelos estudiosos da arte cinematográfica, já há alguns séculos vem se tentando criar imagens em movimento, como podemos perceber na análise de Bernardet:

Já no século XVII, o jesuíta Kirchner usava uma lanterna mágica, mas cujas imagens eram fixas [...] Pierre Janssen pesquisa uma “câmera - revolver” para registrar a passagem de Vênus pelo Sol em 1873 [...] o inglês Muybridge monta um complexo equipamento com vinte e quatro câmeras para analisar o galope de cavalo. E o francês Marey cria o “fuzil fotográfico” capaz de tirar doze fotos em um segundo, o que ele usa para fotografar e analisar o voo de um pássaro. (BERNARDT, 2006, p.13-14)

No entanto, nessas experiências, os cientistas buscavam apenas capturar movimentos rápidos que não podem ser vistos a olho nu. Como podemos perceber o cinema não teve um inventor, visto que é inventado e reinventado a cada filme lançado; também não pode ser considerado uma simples técnica, mas ser visto como uma linguagem educativa, que teve o seu início muito depois de os irmãos Lumière terem feito a sua primeira sessão de exibição dos seus filmes, produzidos pelo seu invento, o cinematógrafo.

O cinema visto como produção da realidade social, cultural e política do cotidiano das sociedades apresenta grande contribuição para a formação educativa do espectador que é capaz de enriquecer sua práxis singular, abordando a consciência crítica do ser humano, agindo diretamente sobre as pessoas que o acompanham. Ao longo do século XX o Cinema causou uma transformação nas tradições sociais desse

período e foi responsável por inovações no comportamento das pessoas, iniciando novos locais de socialização e entretenimento, assim como, novas formas de experiência educativa por meio dos principais elementos da linguagem cinematográfica produzida pelo produto final, que é o filme.

Assim, o objetivo desse trabalho é mostrar o que o filme pode propiciar através de sua linguagem específica, o devido aprendizado em diversas áreas de ensino, em especial no de história. Esta aprendizagem se dá tendo em vista as questões sobre: o que o filme quer dizer? o que o espectador apreende/compreende do filme? o que ele assimila, abarca e reproduz sobre o filme? Enfim, se ocorre ou não a contextualização entre a estória apresentada e a própria realidade do espectador, e a partir disso se este realiza reflexão crítica sobre o que assiste e o que vivencia. Laura Maria Coutinho, no seu artigo intitulado “Refletindo sobre a linguagem do cinema” nos fala que:

Cinema pode ensinar, para muito além do conteúdo que os filmes parecem apresentar à primeira vista. Ir ao cinema, ver filmes em vídeo ou na tevê são sempre ações que se confundem em um mesmo processo de fazer emergir pressentimentos e atribuir sentidos ao que se desenrola nas telas, em linguagem feita de imagens e sons. São as imagens e os sons que primeiro se apresentam, mas a linguagem audiovisual, movimento, cor, é composta de muitos elementos e muitas nuances, sintetizados em uma narrativa. Os elementos que compõem o cinema estão, desde há muito, partilhando da vida de todos os que habitam este planeta girante. Assim, ver filmes, mesmo aqueles mais banais, pode ser uma experiência profundamente humana. (COUTINHO, 2005, p. 01)

Nesse sentido, é oportuno destacar que essa linguagem mais expressiva e educativa teve sua criação a partir de películas dirigidas por cineastas inventivos e originais, como Georges Méliés, D.W. Griffith e Serguei Eisenstein que fizeram experimentos e descobertas sobre a arte do cinema, inventando novas maneiras de filmar e de criar, manipulando a câmera em diferentes perspectivas, buscando sempre inovar em suas películas, adquirindo suas próprias formas de linguagem e expressão, se libertando das regras narrativas do teatro.

2. EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E SUA FUNÇÃO EDUCATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

2.1. Breve consideração sobre concepções de linguagem

Quando se fala em Linguagem pensa-se, em linhas gerais e de imediato, na capacidade humana de se comunicar por meio da fala e da escrita. Porém, o próprio estudo linguístico, ao longo da história (recente, por sinal) sinaliza para o ato de que a linguagem abarca concepções outras que transcendem a simplicidade do conceito acima.

À linguagem foram atribuídos conceitos que surgiram em conformidade com as teorias linguísticas pertencentes, principalmente, ao século XX. Para Edward Sapir (1921), por exemplo,

A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem idéias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos. (SAPPIR, apud LYONS, 1987, p. 6)

Adiante Robert Hall (1968) afirma a linguagem como sendo “a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários, orais-auditivos habitualmente utilizados.” (HALL, apud LYONS, 1987, p. 9). Uma concepção refutada pelos teóricos atuais, pois delimita a expressão da linguagem somente nos campos sensoriais da fala e da audição, bem como afirma haver linguagem unicamente por meio do hábito e sendo por este representado, dialogando assim com uma visão behaviorista de que a linguagem ocorre como respostas previsíveis a determinados estímulos.

Após grandes discussões acerca de um conceito mais coerente de linguagem, surgem os pensamentos de Ferdinand Saussure (1969), linguista pertencente à escola, considerando a linguagem “heteróclita e multifacetada”, pois abrange vários domínios; é ao mesmo tempo, física, fisiológica e psíquica; pertence ao domínio individual (fala) e social (língua); “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (SAUSSURE, apud PETTER, 2010, p. 14).

Corroborada de certa forma, com o pensamento saussuriano, a teoria defendida por outro teórico também muito importante aos estudos sobre linguagem, chamado Noam

Chomsky (escola gerativista). Para ele, a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana e caracterizada pela existência de propriedades universais. Assim como Saussure separa *língua de fala*, Chomsky irá distinguir *competência de desempenho*.

[...] A competência lingüística é a porção do conhecimento do sistema lingüístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua; é o conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem [...]. O desempenho corresponde ao comportamento lingüístico, que resulta não somente da competência lingüística do falante, mas também de fatores não lingüísticos de ordem variada, como: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante em relação ao que diz, pressupostos sobre atitude do interlocutor etc., de um lado; e, de outro, o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos envolvidos na produção dos enunciados. (PEETER, 2010, p. 15)

A linguagem que até a década de 70 era compreendida apenas como a compreensão do pensamento, passa a ser vista também como um instrumento de comunicação, envolvendo um interlocutor e uma mensagem que precisa ser compreendida. Àquela época, ainda era essencial seguir um padrão preestabelecido, e qualquer anormalidade seria um ruído. No entanto, as correntes acadêmicas sobre linguagem sofreram um avanço e Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo, apresentou uma nova concepção de linguagem, a enunciativo-discursiva, que considera o discurso uma prática social e uma forma de interação - tese que vigora até hoje. A relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem o produzem passaram a ser peças-chave.

A expressão não era mais vista como uma representação da realidade, mas o resultado das intenções de quem a produziu e o impacto que terá no receptor. O interlocutor passou a ser visto como sujeito ativo, e não um reproduzidor de modelos, e atuante - em vez de ser passivo no momento de ler e escutar. Assim, um dos aspectos mais inovadores da produção do Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido o grupo que Bakhtin liderava, foi enxergar a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo.

Com base neste recorte histórico sobre algumas concepções de linguagem, destacam-se as seguintes reflexões: em qual destes conceitos pode-se caracterizar a linguagem construída pelo cinema? A linguagem cinematográfica é fruto de uma ação individual ou coletiva? Trata-se somente de um sistema de sinais para comunicar algo, onde a mensagem é a grande protagonista ou particulariza-se pelo processo de interação entre interlocutores, sujeitos principais do ato criativo de compreensões diversas?

Estas questões, pertinentes ao tema deste artigo, servem para dar prosseguimento sobre a linguagem cinematográfica em seu processo histórico evolutivo e educativo, discutido a seguir.

2.2. Histórico da linguagem cinematográfica

As pinturas rupestres encontradas nas cavernas de Altamira (Espanha), Lascaux ou de Font-de-Gaume (França), sempre foram admiradas como arte, mas, segundo Regis de Moraes, por qual motivo os artistas daquela época produziram sua arte na escuridão das cavernas, já que tinham a luz solar natural?. O mesmo autor, em seu livro intitulado *Cinema, a realidade de uma quimera* nos apresenta que a arte das pinturas rupestres magdalenenses se constitui como “um misto de gravurismo e pintura, como entalhes nas paredes pétreas e pinturas nos sulcos e, às vezes, superpostas” (MORAIS, 2010, p. 60).

Sobre essa reflexão, a obra de Arlindo Machado, *pré-cinemas e pós-cinemas*, nos coloca que:

Hoje, os cientistas que se dedicam ao estudo da cultura magdalenense não têm dúvidas: nossos antepassados iam às cavernas para fazer sessões de cinema e assistir a elas. (...) À medida que o observador se locomove nas trevas da caverna, a luz de sua tênue lanterna ilumina e obscurece parte dos desenhos: algumas linhas se sobressaem, suas cores são realçadas pela luz, ao passo que outras desaparecem nas sombras. (MACHADO, 2002, p. 13-14)

Contudo as figuras nas cavernas passaram a dar um ar de magia, pois davam a impressão de movimento e dinamismo, já que “os entalhes e as pinturas se

dinamizavam: um íbex volta sua cabeça para trás ou para a frente, uma espécie de magia põe a caverna em “movimento”. (MORAIS, 2012, p. 60-61). O que talvez tenta se mostrar é que os artistas daquela época se faziam pintores, mas com um pouco de cineastas, pois já produziam cinema, mesmo que não fossem o que temos constituído hoje. Tratava-se, talvez, de um cinema primitivo.

No entanto, não é fácil buscar o primeiríssimo ancestral do cinema, já que para isso teríamos que nos remontar a eras longínquas. Porém temos que nos contentar em analisar as tentativas que deram os passos para a constituição do cinema como vemos hoje, definido em sua linguagem audiovisual.

Com os avanços tecnológicos do mundo moderno, foi tornando-se tecnicamente possível e cada vez melhor a reprodução do movimento, recebendo estímulos de outras técnicas, como é o caso das sombras chinesas e indianas, o teatro de luz que no século XVI cativava as pessoas, e a lanterna mágica usada nos séculos XVII e XVIII que estimulou a imaginação humana. Thomas A. Edison criou o *Quinetoscópio*, um aparelho em que o movimento das imagens era visto individualmente como se vê por meio de um binóculo. Com esse aparelho Edison procurava dar mais destaque para os sons de seu fonógrafo. Nesse sentido, Rosenfeld relata que

Por mais estranho que pareça: ao passo que mais tarde se procurou acrescentar o som à imagem muda, o mago [Edison], desde o início tenta “visualizar o som cego, animando-o por meio da imagem (ROSENFELD, 2002, p.61)

No ano de 1824, Peter Marx, publica a sua pesquisa sobre a persistência retínica, que é um defeito no nosso aparelho visual, que por fração de segundos retém a imagem recebida em nosso cérebro, pois a sucessão dessas imagens em um determinado tempo dá uma ideia de movimento. Foi a partir dessas pesquisas que se teve o estímulo de se buscar, ou ampliar sistemas de reprodução de imagens em movimento.

Os irmãos Auguste e Louis Lumière, na fábrica de sua família na cidade de Lyon, depois de muitos experimentos passaram a produzir novos processos fotográficos, tendo desenvolvido a partir de princípios óticos e mecânicos um avanço nos estudos sobre película sensível e o próprio aparelho de projeção (cinematógrafo). Assim, a partir desses estudos, foram produzidos e exibidos os primeiros filmes,

considerando esse processo como marco inicial do cinema, através das primeiras produções e exibição em uma tela, como destaca o autor Ferreira Leite ao analisar que “o nascimento do cinema se deu quando o filme foi produzido e exibido numa tela, diante de espectadores que pagaram ingressos para assistir à projeção”. (LEITE, 2005, p. 17)

2.3. Evolução da linguagem cinematográfica e sua relação com o ensino de história

Vemos que hoje em dia as peças cinematográficas contam uma história em aproximadamente uma hora e meia, mas no princípio das primeiras exibições fílmicas feitas pelos irmãos Lumière ao público, em 1895 eram apenas exibidos filmagens de pouco mais de dez minutos, como nos conta Bernardet:

Até aproximadamente 1915, os filmes eram bem mais curtos e no fim do século nem contavam estórias. Eram o que hoje chamamos de documentário, na época eram “vistas” ou, no Brasil, filmes “naturais”. (2006, p. 31).

Consta que em 1896 os irmãos Lumière equiparam vários fotógrafos com seu invento, o cinematógrafo, mandando os mesmos a vários países europeus, com o intuito de produzir novos filmes, como também exibir filmes que já traziam de Paris. Foi nesse mesmo ano que aparece o filme *Coroação do Czar Nicolau II*, que é considerado o pai da reportagem cinematográfica.

Porém, “esses caçadores de imagens” designação dada por Bernardet, dispunham seus aparelhos num determinado lugar fixo, captando o que estava na frente. Assim também acontecia com a ficção em seu início:

...a câmara ficava fixa e registrava a cena. Acabada a cena, seguia-se outra. O filme era uma sucessão de “quadros”, entrecortados por letreiros que apresentavam diálogos e davam outras informações que a tosca linguagem cinematográfica não conseguia fornecer. A relação entre a tela e o espectador era a mesma que no teatro. (BERNARDET, 2006, p. 32).

Foi aos poucos que a linguagem cinematográfica se constituiu, pois havia uma necessidade de se contar histórias, fazendo do cinema o herdeiro do folhetim do século XIX, já que se preparava para contar grandes histórias no começo do século XX. Desta maneira a linguagem cinematográfica desenvolveu-se, fazendo com que o cinema se tornasse hábil em contar histórias.

Fundamental para essa elaboração da linguagem cinematográfica foi a criação de estruturas narrativas junto à relação de espaço. A partir desse aspecto, essa linguagem deu um passo qualitativo, principalmente quando deixa de relatar cenas que sucedem no tempo e passa a mostrar situações que vão além desse aspecto. Vejamos como nos fala Morais.

Extraordinárias figuras levaram o cinema, passo a passo, de simples fotografias com movimento para teatros filmados e, posteriormente, a uma linguagem artística de grande sofisticação; levaram-no a uma arte de direito próprio que se libertou... (2010, p. 65)

Vale aqui discorrer ainda outro aspecto técnico à respeito da evolução da linguagem do cinema. Esta evolução também se deu por conta do deslocamento da câmera, que foi acrescentado por Griffith, que deixa de ser imóvel e passa a explorar o espaço. Bernardet nos revela que “Muito cedo, ela se desloca, quando estava num trem ou num barco em movimento, ou numa gôndola”. Também a essa evolução, é acrescentado os posicionamentos de câmeras, os chamados ângulos, acrescentado pelo cineasta russo Sergei Eisenstein, que era muito hábil na montagem, trabalhando as questões de ritmos na edição da arte final de seus filmes, constituindo uma nova e poderosa linguagem cinematográfica. Regis de Morais arremata dizendo que:

Uma nova arte surgia com sua poderosa linguagem, deixando claro que não bastava existirem planos, ângulos, cenários, figurino, iluminação etc; era imprescindível que um verdadeiro cineasta soubesse o que fazer com essas coisas, transformando-as em linguagem. (2010, p. 67).

À medida que a linguagem cinematográfica vem se constituindo, o próprio público vem se educando, pois hoje estamos acostumados com estruturas fílmicas complexas. Porém podemos perceber que ao passar de um lugar para o outro, fazer trocas de personagens para logo em seguida voltar aos primeiros, apresentava-se algo muito confuso para a época das primeiras exibições.

Hoje em dia também ainda temos um pouco dessa dificuldade quando somos apresentados a uma inovação na linguagem cinematográfica e, assim, logo dizemos que é muito difícil de ser compreendida e que se destina apenas aos especialistas. Não obstante, mais domínio desta linguagem terá o espectador quanto maior contato tiver com ela e com os processos de discussão a partir dela. Advém com isso a importância de o educador de história trabalhar com esta expressão da linguagem não somente no ensino de conteúdos, mas também nas atividades de pesquisa e síntese desenvolvidas pelos alunos.

3. CONCLUSÃO

Por fim, consideramos que as experiências de ensino e pesquisa em história mediatizadas pela linguagem cinematográfica ao longo da formação, possibilitam ao professor perceber que a prática atualiza, interroga e re-elabora a teoria. Temos desse modo a sala de aula como espaço de investigação que possibilita conhecer, refletir e entender os processos individuais e dinâmicos da aprendizagem e da linguagem, suscitando sempre novos questionamentos, favorecendo a revisão das conclusões iniciais a partir de novas observações e do trabalho com o conhecimento já produzido na área.

Enquanto instrumento de orientação teórico-metodológica a linguagem cinematográfica agrega ao Ensino de História, enquanto prática pedagógica, um enriquecimento do saber, utilizando-se de técnicas e recursos possibilitadores da capacitação do educando com potencial para adquirir, reelaborar e produzir conhecimentos fundamentais à formação de sujeitos críticos e reflexivos.

No bojo destas reflexões, pensamos ser igualmente necessário que o professor de História perceba a importância de trabalhar a linguagem cinematográfica mediante

projetos interdisciplinares (também incluindo as ciências da natureza e as matemáticas) na escola sem perder a especificidade de sua disciplina, pois só assim ter-se-á uma pedagogia para e da autonomia.

4. REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. **O Que é Cinema**. São Paulo: brasiliense, 2006.

COUTINHO, Laura Maria. **Refletindo Sobre a Linguagem do Cinema**, boletim 2. Abril de 2005.

HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. O. **A invenção das tradições**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema Brasileiro: das origens à retomada**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LYONS, John. **Linguagem e linguística – uma introdução**. 1. ed. LTC: São Paulo, 1987.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós cinemas**. 2 ed. Campinas: Papiros, 2002.

MORAIS, Regis de. **Cinema: a realidade de uma quimera**. Campinas, SP: Alinea, 2010.

PETTER, Margarida. **Linguagem, Língua, Linguística**. Introdução à Linguística. I. Objetos teóricos. 6. ed. Contexto: São Paulo, 2010.

ROSENFELD, A. **Cinema: arte & indústria**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SAVIANI, Demerval **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

WEEDWOOD, Babara. **História concisa da Linguística**. Parábola Editorial: São Paulo, 2002.